

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

**A Intervenção Pedagógica sobre o Conteúdo do Treinador
de Futebol**

**Estudo aplicado a treinadores de futebol sénior na 2ª Liga
Portuguesa de Futebol**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DO DESPORTO COM
ESPECIALIZAÇÃO EM JOGOS DESPORTIVOS COLETIVOS

Ivan Tiago da Silva Ribeiro

Orientadora:

Professora Doutora Isabel Rodrigues Gomes



Vila Real, 2014

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Doutora Isabel Rodrigues Gomes, agradeço todo o apoio fornecido bem como a disponibilidade e o incentivo que sempre demonstrou ao longo deste caminho.

Ao Professor Paulo Antero, pela disponibilidade que desde o princípio demonstrou em ajudar no que fosse necessário, tendo sido essencial para que as portas dos clubes se abrissem para este trabalho.

Aos treinadores que participaram neste estudo, demonstrando que num mundo tão fechado como é o futebol profissional, encontramos sempre profissionais dispostos a partilhar conhecimentos, a criar conhecimentos e a adquirir conhecimentos. Acredito que esse caminho de partilha é e será sempre o melhor para este desporto que tanto amámos.

À minha namorada Neuza, que partilhou grande parte do tempo que era dela por direito com este trabalho, não deixando de me motivar e encorajar ao longo do trajeto. Obrigado por tudo!

À minha mãe que suportou todos os momentos em que as coisas não correram da melhor forma, não deixando de me abraçar quando de um abraço eu precisava e de me repreender quando era isso que se exigia.

Ao Henrique, meu suporte em todo o percurso académico. Sem ti, nada teria sido possível. O teu sonho tornou-se o meu sonho!

Ao meu irmão António Fernando, ao meu tio Alfredo Miguel e à minha tia Maria Manuela, pois sei que se estivesses presente, seria um grande orgulho para vós.

Ao André Cardoso, apoio indispensável em todo o trajeto que fiz e espero fazer pelo mundo do futebol.

Ao Diogo Almeida, ao Nuno Carvalho, aos meus companheiros do departamento de formação do Amarante Futebol Clube, ao professor Flores, ao meu irmão Marcos Ribeiro e ao meu primo Hugo.

A todos vós, muito obrigado por tudo. Grande parte deste trabalho pertence-vos.

Resumo

O presente estudo teve como objetivo geral investigar a intervenção pedagógica do conteúdo de treinadores de futebol profissional durante as sessões de treino. Paralelamente, pretendemos ainda identificar quando, como e a quem são dirigidos os conteúdos em causa.

A amostra foi constituída por 3 treinadores de futebol profissional, durante a época 2013/2014, em equipas a competir na 2ª Divisão do Campeonato Português de Futebol. O estudo comportou a aplicação de um instrumento de observação (SAPCI), de modo a obter o perfil de intervenção pedagógica do treinador no processo ensino-aprendizagem/treino dos conteúdos substantivos do Futebol.

A realização deste estudo mostrou que: 1) os treinadores incidem as suas intervenções de conteúdo pedagógico maioritariamente sobre conteúdos de ordem tática, sobretudo de carácter ofensivo; 2) a maioria das instruções emitidas pelo treinador é de carácter geral, sob a forma prescritiva, dando também muita importância ao feedback de encorajamento; 3) os feedbacks são emitidos maioritariamente no momento em que o jogador se encontra a realizar o exercício; 4) os feedbacks são emitidos preferencialmente para a equipa.

PALAVRAS-CHAVE: FUTEBOL; INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA DE CONTEÚDO; TREINADOR; TÁTICA.

Abstract

The present study had as main objective to explore the intervention in pedagogical content of 3 professional football coaches during the training sessions. At the same time, we still intend to recognize when, how and to whom they are guide content in cause. The example was make by 3 professional football coaches during time 2013/2014, teams competing in 2* division of Portuguese championship. The study behaved applying an instrument for observation (SAPCI), in order to get the profile of pedagogical intervention coaches in process teach-learning/training of the substantive football.

The accomplishment Of this study showed that: 1) the coaches focus their intervention of pedagogical content, mostly on tactical order, especially in the offensive character; 2)the mostly of issued instruction by the coach is the general character, under prescriptive form, also giving much importance of encouragement feedback; 3) the feedback issued mostly on moment where the player finds to carry through the exercise; 4) the feedback issued preferential for the teams.

KEYWORD: FOOTBALL; PEDAGOGICAL IN INTERVENTION CONTENT; COACH; TACTIC.

Índice

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	iv
Abstract	v
Índice de Quadros.....	viii
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. ÂMBITO E PERTINÊNCIA DO ESTUDO.....	1
1.2. “OS CONHECIMENTOS” DO TREINADOR	2
1.3. A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA SOBRE O CONTEÚDO.....	3
1.3.1. O conhecimento e o comportamento pedagógico do treinador.....	3
1.3.2. A instrução	5
1.4. A PEDAGOGIA COMO CIÊNCIA NO DESPORTO.....	7
2. METODOLOGIA	11
2.1. AMOSTRA	11
2.2. PROCEDIMENTOS	12
2.3 MÉTODOS E MEIOS DOS REGISTOS DAS OBSERVAÇÕES.....	13
2.4. INSTRUMENTO DE OBSERVAÇÃO.....	13
2.5. FIABILIDADE DA OBSERVAÇÃO.....	17
3. APRESENTAÇÃO E DISCUSÃO DOS RESULTADOS	19
3.1. ANÁLISE DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA DO CONTEÚDO.....	19
3.1.1 ANÁLISE DESCRITIVA GERAL.....	19
3.1.1.2 Dimensão “O Quê”.....	19
3.1.1.3 Dimensão “Quando”	21
3.1.1.4 Dimensão “Como”	22
3.1.1.5 Dimensão “A Quem”	24
4. CONCLUSÃO	25
5. SUGESTÕES PARA FUTUROS ESTUDOS	26
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

ANEXOS

Índice de Quadros

Quadro 1 Valores percentuais da fiabilidade intra-observador e inter-observador por categorias de observação (IF).....	18
Quadro 2 Dados descritivos gerais relativos à dimensão "O Quê"	19
Quadro 3 Dados relativos gerais relativos à dimensão "Quando"	21
Quadro 4 Dados relativos gerais relativos à dimensão "Como"	22
Quadro 5 Dados relativos gerais relativos à dimensão "A Quem"	24

1. INTRODUÇÃO

1.1. ÂMBITO E PERTINÊNCIA DO ESTUDO

O futebol aparece cada vez mais como uma modalidade desportiva com carácter profissional em muitos países europeus (Farias, 2007). Destaca-se de todas as outras modalidades desportivas a nível mundial, sendo por isso muitas vezes apelidado de “Desporto-Rei”. É então considerado um fenómeno social, constituindo-se como uma necessidade do homem, refletindo atitudes, valores e opiniões na sociedade em que é praticado (Mesquita, 1997).

Cada vez mais, a modalidade surge ligada a interesse económicos. Neste sentido, os clubes tentam obter resultados desportivos apostando na competência dos treinadores (Farias, 2007).

Sobre o treinador, Pacheco (2002) refere que este tem de possuir um leque alargado de conhecimentos e competências, inquestionavelmente superiores àqueles que eram exigidos aos treinadores no passado.

A preparação dos jogadores faz-se fundamentalmente através do treino, e treinar bem implica o estabelecimento de comunicações eficientes entre treinadores e jogadores. A comunicação reflete as estratégias que o treinador utiliza para transmitir aos jogadores a sua conceção de jogo, os seus objetivos, os fundamentos requeridos e os comportamentos individuais e coletivos esperados. Desta forma, destaca-se como fator imperativo uma formação adequada do treinador, que não se limita ao domínio do conteúdo do treino, mas também à sua valência pedagógica (Shulman, 1986).

Segundo Graça (1997), o conhecimento do orientador do processo de treino deverá consistir numa compilação entre o conhecimento da matéria de ensino, o conhecimento do sistema desportivo e o conhecimento pedagógico do conteúdo.

Relativamente a este último, resolvemos conhecer e identificar o conteúdo das intervenções pedagógicas dos treinadores de algumas equipas seniores a competir na 2ª Liga Portuguesa de Futebol durante os treinos. Resolvemos analisar essas intervenções, percebendo qual o seu objetivo, qual a forma como são ditas, quando são ditas e a quem são dirigidas.

1.2. “OS CONHECIMENTOS” DO TREINADOR

Quando nos referimos a treinadores de topo, pensamos sempre em excelentes profissionais. Contudo, conseguimos perceber que todos são diferentes, com características diferentes, qualidades e defeitos diferentes. Isso reflete-se na forma como a sua equipa se apresenta no jogo, algumas delas demonstrando um amor incondicional pelo seu técnico e dando tudo por ele dentro de campo e outras que nos surpreendem pelo trabalho tático, revelando grande qualidade coletiva.

Como é óbvio, estas diferenças nas performances das equipas, muitas vezes são explicadas pelo maior ascendente de determinado domínio do conhecimento do treinador em relação a outro. Graça (1997) afirma que o conhecimento do treinador resulta da interação de várias dimensões do conhecimento, essenciais ao desempenho da sua função, referindo-se ao conhecimento do conteúdo, ao conhecimento do sistema desportivo e ao conhecimento pedagógico do conteúdo.

O conhecimento do conteúdo (matéria de treino) define o conhecimento relativo á modalidade e à capacidade que o treinador tem de identificar, compreender e discutir os seus conceitos, bem como relacioná-los entre si ou os outros conceitos exteriores à modalidade (Gonçalves, 2009).

Podemos talvez afirmar que na generalidade das opiniões, este seja o conhecimento com maior peso no sucesso do treinador, pois embora o treinador possa possuir um conjunto de competências nos mais variados domínios, estas perdem o seu significado se o conhecimento do conteúdo da modalidade (neste caso o futebol) não estiver presente (Houlier e Crevoiser, 1993). Os treinadores devem possuir um conhecimento profundo do jogo, para poderem estar qualificados a instruir os jogadores (Gilbert, Trudel e Haugham, 1999b). Barreto (1998) reforça a ideia, afirmando que o treinador deverá ser, acima de tudo, um especialista da sua modalidade e ser capaz de analisar o treino e a competição. Quanto mais profundo e organizado for o conhecimento, mais qualidade terá a instrução fornecida aos atletas (Graça, 1997).

Para que as equipas e os atletas sofram uma aquisição efetiva de conhecimento, o seu treinador deve conhecer os diferentes fatores do rendimento desportivo (estratégico-tático,

técnico, físico-motor e psicológico), bem como estar totalmente identificado com a especificidade do futebol (Gonçalves, 2009).

Segundo Graça (1997), outra dimensão do conhecimento é o conhecimento do contexto desportivo, que permite ao treinador no decorrer do seu processo de treino identificar e integrar todos os condicionalismos internos e externos específicos da modalidade (Gonçalves, 2009).

No que diz respeito ao conhecimento pedagógico do conteúdo, foi definido por Shulman (1986) como uma forma de conhecimento do professor/treinador que avança para além do conhecimento da matéria, em direção à dimensão do conhecimento da matéria de ensino. Percebemos então que o simples conhecimento do conteúdo não significa que o treinador seja capaz de o transmitir de forma mais adequada, obrigando-o a descobrir e a aplicar estratégias de modo a tornar o conhecimento compreensível aos atletas (Graça, 1997).

É sobre esta dimensão do conhecimento que nos vamos debruçar, acreditando, de acordo com Mesquita (1998), que um dos aspetos mais óbvios para quem está ligado ao processo de treino é que não basta treinar muito, mas fundamentalmente treinar bem.

É muito importante que o treinador seja capaz de transmitir através das suas técnicas de ensino todo o conhecimento que o atleta necessita para obter sucesso no treino e na competição.

1.3. A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA SOBRE O CONTEÚDO

1.3.1. O conhecimento e o comportamento pedagógico do treinador

O foco do nosso estudo é o conhecimento pedagógico do conteúdo dos treinadores observados. Importante realçar que o fato de o treinador conhecer a matéria de ensino não é exatamente o mesmo que a conseguir transmitir de forma perceptível aos seus atletas.

É necessário que o treinador esteja num processo de evolução contínua, na busca de estratégias de ensino, de forma a tornar o conteúdo da informação acessível e compreensível ao nível dos seus praticantes (Cruz, 2002). Isto significa a aplicação e o conhecimento de

formas mais úteis de representação da matéria; erros e automatismos incorretos mais frequentes e de ideias pré-concebidas que os praticantes tenham em relação a certas matérias, erros esses que habitualmente dificultam quer a progressão, quer a apropriação da matéria por parte dos atletas (Matos, 1993).

O sucesso da evolução do atleta está dependente, em grande medida, da eficácia no processo de comunicação. Adelino (2000) defende que uma boa intervenção adequada ao treinador que vise corrigir os erros dos atletas exige que dentro do grupo haja um relacionamento aberto e franco entre ambas as partes, não havendo uma pressão excessiva sobre os jogadores. O treinador necessita utilizar mensagens positivas, quer a nível do conteúdo, quer no reforço. É também importante que o atleta mantenha o seu compromisso com o treino, desenvolvendo uma atitude consciente e empenhada.

Dentro desta perspetiva, existem alguns estudos cujos resultados nos conferem informações pertinentes sobre o comportamento pedagógico do treinador.

Uma variável interessante no que a isto se refere prende-se com os períodos de tempo em que os treinadores permanecem em silêncio no contexto de treino e de competição.

Sobre este assunto, Claxton (1998) desenvolveu um estudo que concluiu que o silêncio demonstrou ter um papel fundamental na emissão da informação, certificando muitas vezes a utilização de um feedback moderado e cuidadoso. O silêncio foi encontrado como a quarta categoria mais utilizada pelos treinadores.

A noção de monitorização silenciosa como estratégia adotada durante o treino, foi proposta por Rupert e Buschner (1989).

O elogio, a repreensão e o incentivo são também categorizados, por Lacy e Darst (1985), como uma variável do comportamento pedagógico do treinador.

Outro aspeto importante a destacar vem descrito num estudo levado a cabo por Potrac et. al (2007), em contexto de treino no top do futebol inglês, em que os autores constataram que, de acordo com a crença dos treinadores, o comportamento de repreender os jogadores em público resultava numa perda de respeito pelo treinador, diminuindo a receptividade dos jogadores às suas instruções.

1.3.2. A instrução

Como já percebemos, de todos os aspetos a ter em consideração nas relações comunicacionais estabelecidas entre treinadores e jogadores durante o treino, a instrução relativa aos conteúdos é a chave de todo o processo (Mesquita, 1998). Visto ser necessária uma boa comunicação para que haja uma aprendizagem de qualidade, é impreterível que a instrução do treinador seja de qualidade, visto ser a principal forma de transmitir a mensagem aos jogadores (Santos, 2009).

Tinning (1982), vai mais longe ao afirmar que a instrução constitui uma das principais funções do treinador e que a eficácia do treinador na condução do treino é resultante do seu comportamento de instrução.

Define-se então instrução como os comportamentos de ensino exercidos pelos treinadores para comunicarem informações relativas relacionadas com os objetivos do treino (Siedentrop, 1991). Destes comportamentos de ensino fazem parte os comportamentos verbais, como a explicação, o feedback e o uso de palavras-chave, e comportamentos não-verbais como a demonstração. Isto revela-nos que a intervenção efetuada durante o treino deve ser constantemente fato de reflexão pelo treinador, procurando fazer com que a mensagem transmitida seja clara e objetiva (Mesquita, 1998).

Tendo em conta a situação em que a instrução é proferida, podemos dividir a transmissão da informação em 3 momentos: antes da prática, durante a prática e após a prática (Mesquita, 1998; Siedentrop, 1991; Silverman, 1994).

Nesta linha de pensamento, Martens (1987) e Savard (1988) propõem um conjunto de linhas orientadoras do treinador para que a sua comunicação seja de melhor qualidade. São elas:

- direcionar a intervenção aos atletas em questão de uma forma positiva e construtiva;
- falar sempre na primeira pessoa;
- intervenção completas e específicas, possuidoras de uma única interpretação;
- distinguir os fatos constatados das suas opiniões;
- em caso de correção, esta deve ser feito imediatamente a seguir à observação do erro;

-ser coerentes entre o domínio verbal e o não-verbal.

Para McGown (1994), o método de instrução mais eficaz resulta no uso adequado de palavras-chave combinadas com uma demonstração do conteúdo a ensinar. Para que isto seja possível, é necessário que o treinador observe, avalie e interprete o rendimento dos atletas durante o treino, assim como que identifique movimentos específicos desviados dos critérios de performance estabelecidos e interprete o significado desses desvios antes de intervir (Beveridge e Gangsted, 1988).

De todos os comportamentos verbais e não-verbais utilizados para instruírem os jogadores, queremos destacar os feedbacks, pois este é aceite de forma unânime como um elemento enriquecedor do ensino especialmente para o treinador que está perante um processo de interação pedagógica (Rosado e Mesquita, 2009).

Mesquita (2009) define feedback como o resultado de uma competência de tomada de decisões oportunas por parte do treinador com base numa seleção e processamento de informação pertinente recolhida numa observação do treino, envolvendo a análise da resposta do atleta em função do contexto onde se desenvolve. Siedentrop (1991) acrescenta que feedback pode ser definido como a informação a uma resposta, usada para modificar a resposta seguinte.

Portanto, a capacidade de fornecer um feedback que seja pertinente e relevante é geralmente visto como um aspeto importante para um treino com qualidade (Silverman, Subramanian e Woods, 1998).

Se quisermos classificar o feedback tendo em conta o seu tipo ou objetivo, podemos enquadrá-lo da seguinte forma:

- Feedback descritivo, quando o treinador informa a equipa ou o atleta a forma como eles realizaram o exercício proposto e pode assumir a forma correta ou incorreta;
- Prescritivo, quando o treinador informa a equipa ou os atletas da forma de realização do exercício, podendo referir os critérios de sucesso e justificá-los;
- Questionamento, quando o treinador formula questões relacionadas com o treino;
- Informação avaliativa, quando o treinador, de uma forma simples, avalia a prestação dos jogadores e da equipa. Pode ser uma avaliação positiva ou negativa (Farias, 2007).

Além do seu tipo ou objetivo, o feedback pode ser também definido segundo a forma (auditivo, visual, cinestésico, misto), a direção (individual, grupo, equipa) e o momento (durante, após, retardado) (Piéron, 1984).

Concluímos que a apropriação do conteúdo informativo do feedback aos contextos de ensino-aprendizagem/treino faz dele uma mais-valia para os treinadores experientes enquanto instrumento pedagógico, potenciador do aumento de resultados positivos nas aprendizagens (Rosado e Mesquita, 2009).

1.4. A PEDAGOGIA COMO CIÊNCIA NO DESPORTO

O quadro teórico e epistemológico da pedagogia do desporto encontra-se fundamentado em grande parte nos modelos de investigação do sistema educativo (Rodrigues, 1997).

Um dos estudos mais interessantes e pioneiro a analisar o comportamento pedagógico do treinador foi aplicado sobre John Wooden, um bem-sucedido treinador americano de basquetebol, e teve como propósito descrever um treinador com êxito sob o ponto de vista desportivo. O instrumento de observação utilizado foi o *Coaching Behavior Assessment System* de Tharp e Gallimore (1976). Estes últimos realizaram dois estudos dentro do mesmo tema. O primeiro através da observação e análise de um treinador de futebol americano e o segundo através da observação de dois treinadores de modalidades diferentes. Ambos os estudos atribuíram muita importância aos comportamentos de instrução, encorajamento, reinstrução após crítica e o apelo à intensificação do esforço (Gonçalves, 1985).

Outro instrumento de observação muito utilizado foi o *Arizona State University Observation Instrument* (ASUOI), desenvolvido por Lacy e Darst (1985), com o objetivo de caracterizar o comportamento dos treinadores em treino e em competição.

Cushion e Jones (1999) utilizaram este instrumento num estudo realizado no Reino Unido. A amostra do estudo foi de oito treinadores de futebol dos escalões mais jovens em clubes de elite da Liga profissional Inglesa e na liga mais abaixo desta. Estes foram observados e comparados quanto ao seu comportamento em situação de treino. Com este estudo, verificou-se que a eficiência do treinador distinguiu-se pela qualidade da instrução em prejuízo da quantidade. Esta conclusão está em consonância com De Marco, Mancini e Wuest (1996), que

apontaram o treinador como principal responsável pela qualidade e preparação do ambiente de aprendizagem, que por consequência torna preponderante o desempenho do atleta.

O sucesso da intervenção pedagógica do treinador deve-se a saber o que dizer, quando dizer, como dizer e a quem dizer. Neste sentido, Gilbert et. Al (1999a) desenvolveram um instrumento designado de *Systematic Analysis of Pedagogical Content Interventions* (SAPCI), para a modalidade de Hóquei no gelo. Este instrumento permitiu recolher dados sobre as 4 componentes das intervenções do conteúdo pedagógico (“o Quê”, “Como”, “Quem” e “Quando”). Este instrumento estabeleceu-se sobre referências conceituais na construção do conhecimento pedagógico do conteúdo apresentado por Shulman (1986) e no modelo de estruturas do conhecimento para a instrução no desporto, desenvolvido por Vickers (1990). Este modelo foi posteriormente adaptado a outras modalidades, tendo em conta as suas especificidades.

A nível nacional também já foram realizados alguns estudos sobre a intervenção pedagógica sobre o conteúdo dos treinadores, utilizando o SAPCI. Foram eles: Pacheco (2002) na reunião de preparação para a competição para os jogos de futebol; Rosa (2003), na reunião de preparação para os jogos de voleibol; Cruz (2002), no treino de hóquei em patins; Santos (2008), durante os treinos de voleibol; Farias (2007), Mesquita (2009) e Bravo (2008) no treino de futebol e Gonçalves (2009), durante a competição em escalões de futebol de 7 e de 11.

Nos estudos relacionados com o futebol temos o estudo de Pacheco (2002), que caracterizou os conteúdos emitidos pelos treinadores aos jogadores na reunião de preparação da equipa antes da competição, no escalão masculino de seniores. Este estudo comparou 6 treinadores de futebol da 1ª Liga com 6 treinadores do campeonato nacional da 2ª divisão B, cujas equipas se encontravam bem classificadas nos respetivos campeonatos. Verificou que o conteúdo das informações transmitidas pelos treinadores recaia sobretudo na dominante estratégico-tática, seguida pelas dominantes do rendimento desportivo e pelas dominantes psicológicas. A instrução assentou predominantemente na variável prescritiva dirigida para toda a equipa. As instruções transmitidas não revelaram diferenças significativas entre os treinadores de 1ª Liga e os da 2ª divisão B.

O estudo de Farias (2007) caracterizou a intervenção pedagógica do conteúdo do treinador de futebol durante o treino, nos escalões de formação escolinhas e infantis, de equipas

masculinas. Fizeram parte da amostra 12 treinadores de futebol, 6 deles licenciados e os outros 6 não licenciados em Educação Física. Concluiu-se que durante os treinos, os treinadores tem como preocupação principal os conteúdos técnicos ofensivos; as intervenções são feitas com maior incidência no momento em que os atletas estão em ação; as instruções transmitidas são maioritariamente de carácter geral e dirigidas especialmente aos atletas de forma individual.

Bravo (2008) realizou um estudo com os mesmos contornos, mas nos escalões de formação de iniciados e juvenis, de equipas masculinas. A amostra foi de 20 treinadores, 10 licenciados e outros 10 não licenciados em Educação Física. As conclusões permitiram verificar que os treinadores nesses escalões privilegiam nas suas intervenções a tática individual ofensiva. As intervenções ocorrem maioritariamente no momento de ação dos atletas, são de carácter geral e são dirigidas aos atletas de forma individual.

Gonçalves (2009) realizou um estudo em que estudou a intervenção pedagógica do conteúdo durante a competição no futebol, mas feita nos escalões de formação de futebol de 7 (escolas e infantis) e de futebol de 11 (iniciados, juvenis e juniores). A amostra foi constituída por 10 treinadores, tendo sido filmado 1 jogo de cada treinador. Demonstrou-se que os treinadores preferem transmitir intervenções referentes à tática individual, particularmente de carácter ofensivo, fazem-no normalmente quando os jogadores se encontram em ação, usam mais a instrução geral e dirigem a informação substantiva ao jogador individualmente.

Mesquita (2009), com o objetivo de analisar a congruência entre as concepções de ensino e treino do treinador de futebol e as suas intervenções pedagógicas sobre o conteúdo substantivo, durante o treino, realizou um estudo de caso sobre um treinador do escalão sénior da 2ª Liga do futebol português. Conclui que o treinador tem uma intervenção pedagógica centrada maioritariamente sobre os conteúdos de ordem tática; a maioria das instruções transmitidas pelo treinador são de carácter geral, sob a forma prescritiva e os feedbacks são emitidos maioritariamente de forma individual.

Todos estes estudos realizados a nível nacional, serviram-nos de suporte para a realização deste trabalho cujo principal objetivo foi caracterizar as intervenções pedagógicas do conteúdo em três treinadores da 2ª Liga Portuguesa de Futebol na época de 2013/2014.

Pelo fato de o instrumento de observação utilizado em todos os estudos a nível nacional sobre a mesma temática ser o SAPCI, pareceu-nos a nós que esse seria o mais indicado para a

análise às intervenções dos treinadores. Além disso, os resultados obtidos nos estudos apresentados servirão de comparação para o nosso estudo. De realçar que grande parte destas investigações foram realizadas em equipas da formação, enquanto os treinadores alvo do nosso trabalho estão a trabalhar em equipas seniores da 2ª Liga Portuguesa de Futebol, sendo por isso interessante perceber-se se existem diferenças entre o conteúdo das intervenções dos treinadores durante os treinos na formação e no futebol profissional.

Este estudo insere-se na investigação sistemática da análise do treino, assumindo como preocupação principal a informação substantiva emitida pelos treinadores durante os treinos relativos aos conteúdos de natureza técnico, tática e psicológica, de forma a identificar o quê, quando, como e a quem se dirige a informação em causa. Procuramos assim perceber em que medida as intervenções dos treinadores se diferenciam pelo fato de treinarem seniores ou formação, pois a maioria dos estudos comparativos foram desenvolvidos em equipas de formação.

Posto isto, propusemo-nos de uma forma mais específica a identificar e analisar o tipo de informação (O Quê) proferido pelo treinador nas suas intervenções pedagógicas sobre o conteúdo; identificar e analisar os momentos (Quando) em que as intervenções pedagógicas sobre o conteúdo são transmitidas; identificar e analisar a especificidade e o objetivo da informação (Como) proferidas pelo treinador nas suas intervenções pedagógicas sobre o conteúdo e a identificar e analisar os recetores (A Quem) foram direcionadas as intervenções do treinador.

2. METODOLOGIA

2.1. AMOSTRA

No sentido de realizar o estudo de caso, recorreremos a 3 treinadores da 2ª Liga Profissional de Futebol em Portugal, durante a época desportiva de 2013/2014. Passo agora a citar os dados mais importantes sobre o percurso profissional de cada treinador:

- Treinador A (Nível UEFA PRO): além da época 2013/2014 em que treina pela primeira vez uma equipa profissional, já tem no Curriculum 4 anos como adjunto de 1ª e 2ª Liga, além de 2 anos a trabalhar na formação e de 2 anos como treinador adjunto em campeonatos distritais;

-Treinador B (Nível UEFA BASIC): à data do estudo seguia com a sua primeira experiência como treinador principal de uma equipa profissional de futebol, tendo conteúdo acumulado muito experiência com 7 anos de treinador adjunto em campeonatos profissionais, 3 anos na formação e 2 anos no futebol amador;

-Treinador C (Nível UEFA PRO): acumula a este primeiro ano como treinador profissional, 12 anos de treino em campeonatos amadores de seniores.

Colaboraram de forma indireta para este estudo 90 jogadores profissionais de futebol.

Os treinos observados decorreram durante o período competitivo da Liga2 Cabovisão. Foi filmado um treino de cada treinador. Todos os treinadores foram submetidos ao mesmo tipo de observação, na medida em que foram desconsideradas as partes iniciais (aquecimento, mobilização) e as partes finais (relaxamento) dos treinos. Foram escolhidos os treinos que não procederam a competição, de forma que se pudesse evitar que se estivesse na presença de treinos compostos quase na sua integralidade por jogo formal.

2.2. PROCEDIMENTOS

A recolha dos dados realizou-se entre os meses de Fevereiro e de Abril. Este período relativamente alargado de recolha de dados esteve condicionado pelo fato das observações se terem realizado na sua totalidade ao ar livre e em campo aberto, uma vez que o cenário das filmagens decorreu sempre em campos de Futebol de 11. Como tal, as condições climatéricas adversas que se verificaram com bastante frequência impossibilitaram uma recolha mais rápida dos dados. Além disso, visto tratar-se de treinadores a orientar equipas profissionais, cujo rendimento e resultados são constantemente avaliados, e cuja pressão interna e externa ao clube é sempre muito grande, tentou-se agilizar as recolhas em períodos em que o espírito de grupo fosse positivo em função dos resultados conseguidos. Convém realçar que nas equipas profissionais em Portugal, é dado muito valor à privacidade e que a abertura a intervenções idênticas às que o estudo necessitou para ser realizado não são vistas da melhor forma por parte, principalmente, da direção e da estrutura do clube. Foi também essa uma das causas para o número reduzido de treinadores que foram observados.

Os treinadores foram observados no seu ambiente natural de treino e nesse contexto observamos e registámos uma sessão de treino por treinador. Os treinadores foram informados sobre os objetivos do nosso estudo de uma forma genérica, não sendo nós por nós especificada a incidência da observação sobre as suas intervenções pedagógicas de conteúdo. Este procedimento teve como intuito não condicionar as intervenções dos treinadores durante os treinos. Ficou desde logo assegurado a confidencialidade das observações bem como o seu completo anonimato. Além disso, os atletas foram informados pelos treinadores de que as filmagens não teriam um caráter avaliativo para que estes procedessem de forma natural, livres de constrangimentos.

Para a obtenção dos dados recolheu-se à filmagem em vídeo e registo áudio das sessões de treino, com o propósito principal de se poder seguir os treinadores e os atletas nos momentos de intervenção verbal dos primeiros sobre os segundos.

Para efetuarmos as gravações das sessões de treino, utilizamos o seguinte sistema: câmara de vídeo fixa num tripé e acoplamos à câmara de vídeo um sistema áudio de longo alcance, para registarmos as intervenções feitas pelos treinadores. O sistema de gravação foi composto por

um conjunto emissor/recetor sendo o emissor composto por um microfone de lapela (sem fio) que era transportado pelos treinadores.

Para a realização do estudo utilizámos os seguintes instrumentos:

- Uma máquina de filmar;
- Um aparelho de captação de som à distância sem fios acoplado à gravação da imagem;
- Um computador portátil Toshiba;
- Fichas de registo das intervenções dos treinadores (em anexo).

2.3 MÉTODOS E MEIOS DOS REGISTOS DAS OBSERVAÇÕES

No que diz respeito ao registo das observações, optámos pelo método de registo das ocorrências, que se caracteriza pelo registo sucessivo dos comportamentos previamente definidos. Após cada filmagem, procedíamos à passagem do filme para o computador portátil armazenando-o em formato Windows Media Player. Os dados recolhidos foram lançados numa folha de cálculo Excel.

2.4. INSTRUMENTO DE OBSERVAÇÃO

O instrumento de observação por nós adotado permite definir um perfil geral dos comportamentos dos treinadores durante os treinos.

Neste estudo analisamos a intervenção pedagógica do conteúdo com base no protocolo desenvolvido por Gilbert et. al. (1999), o S.A.P.C.I. (*The Systematic Analysis of Pedagogical Content Interventions*). Este instrumento foi construído para a modalidade de Hóquei no Gelo, assentando sobre as referências conceptuais no constructo do conhecimento pedagógico do conteúdo apresentado por Shulman (1986) e no modelo das estruturas do conhecimento para a instrução no desporto, desenvolvido por Vickers (1990). Permite a recolha de dados em 4 dimensões relativas às intervenções pedagógicas substantivas do treinador:

-“O Quê”, refere qual o conteúdo da intervenção;

-“Quando”, refere o momento em que a informação é transmitida;

-“Como”, refere a forma como é transmitida a informação;

-“A Quem”, refere quem é o recetor da intervenção.

A validação do referido instrumento para a modalidade de futebol foi feita por Mesquita et al. (2009).

De seguida, passaremos a descrever o S.A.P.C.I. adaptado à modalidade do futebol:

- **1ª Dimensão (“O Quê”)**

É usado para registar o conteúdo das intervenções pedagógicas substantivas dos treinadores (Gilbert e tal., 1999). Para além deste autor, outros conteúdos foram adotados com base em Queirós (1983), Garganta (1997) e Pacheco (2001).

TÉCNICA INDIVIDUAL: são todas as habilidades fundamentais necessárias para a prática do futebol. Dentro deste grupo, encontramos 2 subgrupos:

-Técnica Individual ofensiva: habilidades realizadas pelo atleta na posse da bola quando o treinador lhe dirige a palavra;

-Técnica Individual defensiva: habilidades realizadas pelos atletas sem posse da bola, quando o treinador lhes dirige a palavra.

TÁTICA INDIVIDUAL: é o conjunto de ações individuais, com ou sem bola, realizadas por um jogador, de acordo com o modelo de jogo adotado pela sua equipa, no sentido de perseguir os objetivos do jogo, quer na fase ofensiva quer na fase defensiva. Está dividido em dois subgrupos:

-Tática Individual Ofensiva: ações realizadas pelo atleta da equipa que tem a posse de bola;

-Tática Individual Defensiva: ações realizadas pelo atleta da equipa que não tem a posse da bola.

TÁTICA COLETIVA: são todas as ações coletivas dos jogadores da equipa, desenvolvidas de forma organizada, ordenada e uniformizada e que se processam em função dos objetivos e momentos de jogo da equipa. Categoria dividida em dois subgrupos:

-Tática coletiva ofensiva: ações coletivas realizadas pela equipa que tem a posse de bola;

-Tática coletiva defensiva: ações coletivas realizadas pela equipa sem a posse de bola;

CATEGORIA ENERGÉTICO-FUNCIONAL: são todas as informações verbais transmitidas pelo treinador focadas no rendimento físico, quer do ponto de vista do tipo de esforço solicitado, quer das capacidades motoras mobilizadas do atleta e da equipa.

CATEGORIA PSICOLÓGICA: são todas as informações verbais transmitidas pelo treinador focadas nos aspetos pessoais, sócio efetivos, motivacionais, relacionais, estados de prontidão mental e disponibilidade psicológica do atleta e da equipa, que potencia o envolvimento dos atletas para uma eficaz performance na competição.

REGRAS: situações regulamentares do jogo e fundamentais para que este se realize (faltas, violações).

SITUAÇÕES NEUTRAS: situações que implicam uma quebra do ritmo de jogo, devido a disputas menos coerentes da posse de bola (bolas divididas/confusão).

OUTRAS: são todas as dimensões que ocorrem durante o treino e que não estão contempladas nos outros parâmetros de observação.

- **2ª Dimensão (“Quando”)**

Refere o momento em que a informação é transmitida. É constituída por duas variáveis e não foram efetuadas alterações em relação ao protocolo inicial de Gilbert e tal. (1999).

EM AÇÃO: quando o atleta se encontra diretamente envolvido na ação do jogo.

NÃO ESTÁ EM AÇÃO: quando o atleta não se encontra diretamente envolvido na ação do jogo.

- **3ª Dimensão (“Como”)**

Refere a forma como é transmitida a informação (Gilbert et al., 1999). Esta dimensão sofreu uma alteração em relação ao protocolo de Gilbert et al. (1999) na categoria feedback onde

não foram consideradas a afetividade positiva e negativa. A categoria feedback-forma, presente no protocolo original, não foi tida em conta para o estudo.

1. Especificidade da instrução emitida no feedback

GERAL: intervenção verbal pedagógica do conteúdo transmitida ao ou aos atletas pelo treinador, que não inclui a ação específica de como executar a habilidade ou estratégia ou jogar de acordo com as regras. Pretende indicar ao ou aos atletas a realização de uma tarefa mais abrangente sem focar os critérios de êxito a atingir (ex.: deves deslocar-te para a frente).

ESPECIFICA: intervenção verbal pedagógica do conteúdo transmitida ao ou aos atletas pelo treinador, que inclui a explicação específica de como executar a habilidade ou estratégia ou jogar de acordo com as regras. Para este estudo considerámos como instrução específica as intervenções verbais dos treinadores focados nos critérios de êxito das diferentes componentes pertencentes à dimensão “O Quê” (ex.: Deves deslocar-te para a frente de forma a saíres da pressão do adversário e aproveitares o espaço vazio).

2. Objetivo da informação do Feedback.

DESCRITIVO (FD): o treinador relata ao jogador ou à equipa a forma como estes realizaram a tarefa (ex.: Esse remate foi muito forte).

PRESCRITIVO (FP): o treinador informa o jogador ou a equipa a forma da realização da tarefa ou função, podendo referir e justificar os critérios e/ou os erros a não cometer (ex.: Quero que conduzas a bola sempre para o espaço interior).

QUESTIONAMENTO (FQ): o treinador formula questões relacionadas com situações de carácter generalizado do jogo. (ex.: É dessa forma que deve ser feito o movimento?).

INFORMAÇÃO AVALIATIVA POSITIVA (FIAP): o treinador avalia a prestação dos jogadores ou da equipa. A expressão utilizada é positiva e reflete uma aprovação. (ex.: Está fantástico!).

INFORMAÇÃO AVALIATIVA NEGATIVA (FIAN): o treinador avalia a prestação dos jogadores ou da equipa. A expressão utilizada é negativa e reflete uma desaprovação. (ex.: Isto está muito mau!).

ENCORAJAMENTO (FE): o treinador encoraja os jogadores levando-os a intensificar os seus esforços e empenhamento em determinada ação. (ex.: vamos com tudo!).

- **4ª Dimensão (“A Quem?”)**

É a quarta dimensão do S.A.P.C.I. e refere quem é o recetor da intervenção. Esta dimensão foi adaptada à realidade do futebol uma vez que no protocolo original os códigos estavam direcionados para o hóquei no gelo. A componente está dividida em três códigos.

INDIVIDUAL: é a intervenção do treinador transmitida a um só jogador.

SUB-GRUPO: é a informação transmitida pelo treinador a um determinado grupo de jogadores, mas não a toda a equipa: guarda-redes, defesas, médios ou avançados.

EQUIPA: é a intervenção do treinador direcionada para toda a equipa.

2.5. FIABILIDADE DA OBSERVAÇÃO

O plano usado para testar a fiabilidade da observação residiu na comparação dos registos recolhidos pelo mesmo observador em diferentes momentos (acordo intra-observador) e pela comparação com os registos recolhidos por um perito em observação (acordo inter-observador). Utilizamos duas observações feitas em momentos diferentes, intervaladas por um período de 15 dias, a um dos treinos observados, correspondente a 29% da amostra final, para testar a concordância entre observações (acordo intra-observador).

Na determinação da concordância, foi aplicado o índice de fiabilidade (IF) referenciado por Bellack (Siedentop, 1991).

Quadro 1 Valores percentuais da fiabilidade intra-observador e inter-observador por categorias de observação (IF)

Categoria	Intra-Observador IF %	Inter-observador IF %
O Quê	90	86
Quando	98	94
Como	96	88
A Quem	96	86

Os resultados obtidos na determinação da fiabilidade, situam-se entre valores que variam entre 90% a 98% na fiabilidade intra-observador e valores que variam entre 86% a 94% na fiabilidade inter-observador.

2.6 TRATAMENTO DE DADOS E PROCEDIMENTOS ESTATÍSTICOS

Para a análise dos conteúdos das intervenções verbais dos treinadores durante os treinos, recorreremos à estatística descritiva, destacando as medidas de tendência central e de dispersão, tais como a média, desvio padrão, valor mínimo e máximo e a percentagem de ocorrências.

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1. ANÁLISE DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA DO CONTEÚDO

Após a contabilização das intervenções pedagógicas do conteúdo dos treinadores da nossa amostra (n=3) durante os treinos que observámos, e de acordo com as cinco dimensões do instrumento de observação utilizado no nosso estudo apurámos que o número total de ocorrências de intervenções dos treinadores foi de 325.

Pelo fato de termos observado três treinos, com um tempo total de 2horas e 24minutos, sendo uma média de 48minutos por treino, verificou-se em média 108 intervenções por treino, o que preconiza cerca de 1 intervenção a cada 26segundos.

3.1.1 ANÁLISE DESCRITIVA GERAL

3.1.1.2 Dimensão “O Quê”

No quadro 1 damos a conhecer dados descritivos gerais relativos aos valores máximos e mínimos, ao desvio padrão, à média e à percentagem de ocorrências relativos à dimensão “O Quê” do nosso estudo.

Quadro 2 Dados descritivos gerais relativos à dimensão "O Quê"

SAPCI	A	B	C	Total (N=325)	%	MÉDIA	D.P.	MIN.	MÁX.
TÉCNICA	6	7	10	23	7,1	8	2,1	6	10
Técnica Individual Defensiva	1	0	0	1	0,3	0	0,6	0	1
Técnica Individual Ofensiva	5	7	10	22	6,8	7	2,5	5	10
TÁTICA	47	74	78	199	61,2	66	16,9	47	78
Tática Individual Defensiva	11	10	4	25	7,7	8	3,8	4	11
Tática Individual Ofensiva	8	15	41	64	19,7	21	17,4	8	41
Tática Coletiva Defensiva	18	21	9	48	14,8	16	6,2	9	21
Tática Coletiva Ofensiva	10	28	24	62	19,1	21	9,5	10	28
CATEGORIA ENERGÉTICO FUNCIONAL	0	0	0	0	0	0	0,0	0	0
CATEGORIA PSICOLÓGICA	34	15	34	83	25,5	28	11,0	15	34
REGRAS	4	3	7	14	4,3	5	2,1	3	7
SIT. NEUTRAS	3	1	0	4	1,2	1	1,5	1	3
OUTRAS	0	0	2	2	0,6	1	1,2	0	2
TOTAL	94	100	131	325	99,9	108	19,9	94	131

Com a leitura do quadro 1 é possível constatar que a tática é a categoria que manifesta mais intervenções dos treinadores com 61,2% do total dos registos. A categoria psicológica com 25,5% das ocorrências e a técnica com 7,1% surgem num plano posterior.

Com a análise do quadro 1 é possível perceber-se que dentro da tática, a categoria com à qual os treinadores deram maior atenção, destaca-se a tática individual ofensiva com 19,7% das ocorrências, sendo que com 19,1% dos registos incidem sobre a tática coletiva ofensiva. Segue-se a tática coletiva defensiva com 14,8% e posteriormente a tática individual defensiva com 7,7% das ocorrências.

Na categoria técnica, foi dada maior relevância à técnica individual ofensiva com 6,8% dos registos, sendo que a técnica individual defensiva teve apenas 0,3% das ocorrências.

Nas restantes categorias encontramos as regras com 4,3%, as situações neutras com 1,2% e outras situações com 0,6% dos registos.

Apurámos uma tendência de se privilegiarem intervenções de carácter tático em relações a intervenções de carácter técnico. Destaca-se também a preocupação com intervenções de índole ofensiva, quer no aspeto tático, quer no aspeto técnico.

Os resultados obtidos vão de encontro às conclusões dos estudos na competição de hóquei no gelo de Seaborn et al. (1998) e Gilbert et al. (1999) e na reunião de preparação para a competição no voleibol e no futebol de Pacheco (2002) e Rosa (2003) respetivamente, em que a categoria das táticas foram igualmente mais abordadas, com referências menores para a técnica. No futebol encontramos concordância no estudo de Mesquita (2009).

Contudo, os resultados obtidos distanciam-se das conclusões a que chegaram Farias (2007) e Cruz (2002), que apuraram uma tendência de se privilegiarem intervenções de carácter técnico em relação a intervenções de carácter tático. Isto pode ser explicado pelo facto de os estudos serem aplicados em equipas de futebol de formação, onde segundo Lima, Jorge e Diaz (1999), o ensino da técnica é prioritário para os treinadores dos escalões de formação, em virtude da importância que esta componente tem na obtenção de rendimentos mais elevados.

Pelas conclusões do nosso estudo, fica reforçada a preponderância da tática no futebol, como vários autores já mencionarem (Castelo, 1994; Frade, 1985; Garganta, 1997; Garganta & Pinto, 1998; Gréhaigne, 1992; Guilherme Oliveira, 2004; Queiroz, 1986; Teodorescu, 1984), sendo considerada como a balizadora de todo o processo de jogo, de ensino e de treino, uma

vez que o principal problema que se coloca às equipas e aos jogadores é sempre de ordem tática.

É uma supra dimensão que evidencia e proporciona a interação das restantes dimensões do jogo e dos conhecimentos dos diferentes intervenientes no jogo (Guilherme Oliveira, 2004).

No que respeita à categoria psicológica, os resultados vão de encontro aos obtidos por Pacheco (2002) e Rosa (2003), estudos realizados também em escalões seniores.

A pouca importância revelada pelos treinadores em estudo sobre os aspetos técnicos deverá ser justificada pelo fato de em equipas seniores de futebol, ainda mais a nível profissional, os treinadores se preocupam pouco com correções sobre conteúdos técnicos. Nestas equipas, a preocupação do treinador passa por utilizar as capacidades já adquiridas pelos atletas num contexto tático favorável ao bom desempenho da equipa.

3.1.1.3 Dimensão “Quando”

No quadro 2 damos a conhecer dados descritivos gerais relativos aos valores máximos e mínimos, ao desvio padrão, à média e à percentagem de ocorrências relativos à dimensão “O Quê” do nosso estudo, ou seja, relativamente ao momento das ocorrências dos feedbacks pedagógicos transmitidos pelos treinadores.

Quadro 3 Dados relativos gerais relativos à dimensão "Quando"

SAPCI	A	B	C	Total (N=325)	%	MÉDIA	D.P.	MIN.	MÁX.
Em Ação	91	94	130	315	97	105	22	91	130
Não Está em Ação	3	6	1	10	3	3	2,5	1	6

Com a análise do quadro 2 é possível verificar que o grande número de intervenções pedagógicas do conteúdo emitidas pelos treinadores ocorre maioritariamente no momento de ação dos praticantes com 97% das ocorrências em confronto com 3% dos registos nos momentos de não ação.

A opção por parte dos treinadores em emitirem a informação substantiva nos momentos de ação, encontra consonância nos estudos de Seaborn et al. (1998), e Gilbert et al. (1999) na competição de hóquei no gelo, e em Bravo (2008) e Mesquita (2009) no futebol.

Este tipo de procedimento pode ter explicação pela preocupação que os treinadores revelam em minimizarem as paragens nos treinos aproveitando assim todos os momentos de prática para emitirem informação. Este aspeto é tido mais em conta em equipas profissionais, onde se acredita que a intensidade é um fator determinante durante o jogo. Não interrompendo os exercícios para emissão do feedback, os treinadores acreditem treinar esta intensidade.

Contudo, segundo Seaborn et al. (1998) e Gilbert et al. (1999), grande parte das intervenções dos treinadores emitidas durante a ação são perdidas ou distorcidas, devido ao facto de os jogadores se encontrarem totalmente focados no exercício de treino, sendo por isso apropriado o treinador parar o exercício para corrigir o desempenho dos atletas.

3.1.1.4 Dimensão “Como”

No quadro 3 damos a conhecer dados descritivos gerais relativos aos valores máximos e mínimos, ao desvio padrão, à média e à percentagem de ocorrências relativos à dimensão “Como” do nosso estudo, ou seja, relativamente ao tipo de instruções transmitidas e aos objetivos dos feedbacks pedagógicos emitidos pelos treinadores.

Quadro 4 Dados relativos gerais relativos à dimensão "Como"

SAPCI	A	B	C	Total	%	MÉDIA	D.P.	MIN.	MÁX.
<i>Especificidade</i>									
Geral	93	91	130	314	96,6	105	22,0	91	130
Específico	1	9	1	11	3,4	4	4,6	1	9
<i>Feedback Objetivo</i>									
Feedback Descritivo	6	9	10	25	7,7	8	2,1	6	10
Feedback Prescritivo	52	68	79	199	61,2	66	13,6	52	79
Feedback Questionamento	1	3	6	10	3,1	3	2,5	1	6
Feedback Encorajamento	21	6	18	45	13,8	15	7,9	6	21
Feedback Inf. Aval. Positiva	13	8	14	35	10,8	12	3,2	8	14
Feedback Inf. Aval. Negativa	1	6	4	11	3,4	4	2,5	1	6

Com a leitura do quadro 3 é possível constatar que o treinador fornece mais instrução de carácter geral (96,6%) do que de índole específica (3,4%).

Pelos resultados obtidos, fica evidente que há uma preponderância da instrução geral do treinador durante o processo de ensino-aprendizagem. Estes resultados estão em concordância com o estudo de Mesquita (2009), aplicado em atletas seniores.

No entanto, vão contra os resultados obtidos por Bravo (2008) e Farias (2007) em que os resultados mostram que os treinadores nos escalões de formação emitem preferencialmente instruções pedagógicas de carácter específico aos atletas.

No que diz respeito ao objetivo do feedback, o feedback prescritivo é a variável que regista a maioria das intervenções do treinador (61,2%), seguindo-se o feedback de encorajamento (13,8%) e o feedback informativo de avaliação positiva (10,8%). O feedback questionamento é o que menos vezes é utilizado pelos treinadores, com 3,1% de ocorrências.

O fato de os treinadores utilizarem preferencialmente o feedback prescritivo nas suas intervenções pedagógicas, enquadra-se nos resultados de Pacheco (2002) e Mesquita (2009), ambos levados a cabo no futebol.

Em relação à relevância dada pelo treinador ao encorajamento, encontra acordo nos estudos de Jones et al. (1997) no basquetebol, Cushion e Jones (2001) e Mesquita (2009) nos treinos de futebol, nos quais este parâmetro assume valores elevados de registos. O facto de nos referirmos a atletas seniores, em que a necessidade de recorrer ao incentivo e à motivação, poderá justificar os valores elevados registados nas intervenções desta natureza.

Importante também salientar a recorrente utilização de feedbacks informativos de avaliação positiva, considerado por Farias (2007) como uma forma de criar um clima positivo durante o processo de treino, bem como possibilitando o reforço do que está a ser feito de forma apropriada, propício a potenciar um maior sucesso dos jogadores, na aquisição dos comportamentos pretendidos.

Mais uma vez percebemos que os treinadores não demonstram grande preocupação em emitir feedbacks descritivos, pois espera-se de atletas seniores que essa informação já tenha sido adquirida em anos interiores. O importante para os treinadores é que os jogadores realizem as ações pretendidas no âmbito do contexto tático em que estão inseridos.

3.1.1.5 Dimensão “A Quem”

No quadro 4 damos a conhecer dados descritivos gerais relativos aos valores máximos e mínimos, ao desvio padrão, à média e à percentagem de ocorrências relativos à dimensão “A Quem” do nosso estudo, ou seja, quem é o recetor do feedback pedagógico do treinador.

Quadro 5 Dados relativos gerais relativos à dimensão "A Quem"

SAPCI	A	B	C	Total	%	MÉDIA	D.P.	MIN.	MÁX.
Individual	34	38	71	143	44	47,7	20	34	71
Subgrupo	0	12	2	14	4	4,7	6,4	0	12
Equipa	60	50	58	168	52	56,0	5,3	50	60

Com a leitura do quadro 4 percebemos que a maioria das intervenções é efetuada tendo em vista a equipa (52%). Como segunda opção, o treinador prefere transmitir a informação aos jogadores de forma individual (44%), sendo a última opção a transmissão de informações a subgrupos de jogadores (4%).

Estes resultados não correspondem aos obtidos por Mesquita (2009) e Bravo (2008) no futebol, em que os resultados indicam que o treinador prefere dirigir a informação para os jogadores de forma individual, em detrimento da informação veiculada para um subgrupo de jogadores ou para a totalidade da equipa.

No entanto, pela observação feita nos treinos, percebemos que existe a preocupação por parte dos treinadores, para que todos os jogadores, seja qual for a sua posição em campo, percebam as dinâmicas coletivas, entendendo as suas funções e as funções dos seus colegas nessa dinâmica. Para isso, as intervenções são normalmente dirigidas à equipa, para que todos percebam o pretendido.

Quando a intervenção é feita de forma individualizada, é no sentido de responsabilizar o atleta e despertar a sua atenção à informação que se pretende ser entendida.

4. CONCLUSÃO

Após a realização do nosso estudo podemos concluir que o total das intervenções pedagógicas do conteúdo emitidas pelos treinadores é de 325 ocorrências. A média de intervenções por treino foi de 108, o que corresponde em média a uma intervenção a cada 26 segundos.

Durante os treinos, os treinadores privilegiam nas suas instruções pedagógicas do conteúdo os conteúdos táticos (61,2%), especificamente ofensivos (38,8%), seguidos de conteúdos de ordem psicológica. Para além disso, de realçar que dentro das intervenções de conteúdo técnico (7,1%), a grande maioria também se refere a parâmetros ofensivos.

A intervenção dos treinadores ocorre maioritariamente nos momentos de ação dos atletas, mais concretamente em 97% das ocasiões.

A maioria das instruções proferidas pelos treinadores é de carácter geral. Assim, a instrução geral representa 96,6% da totalidade das intervenções efetuadas.

No que diz respeito ao objetivo do feedback, este apresenta-se maioritariamente na forma de prescritivo (61,2%). Aos feedbacks com objetivo prescritivo, seguem-se os feedbacks de encorajamento com 13,8% e os feedbacks informativos de avaliação positiva com 10,8%.

As percentagens de intervenções dirigidas à equipa predominam em relação aos dirigidos aos jogadores de forma individualizada ou a subgrupos de atletas. Deste modo, 52% das intervenções são dirigidas à equipa e 44% são dirigidas aos atletas de forma individual.

5. SUGESTÕES PARA FUTUROS ESTUDOS

Em futuros estudos seria pertinente ampliar a amostra no número de treinadores que a compõe, no sentido de se confirmar ou refutar os resultados obtidos no nosso estudo. Seria também interessante comparar o conteúdo das intervenções pedagógicas dos treinadores de futebol da 1ª Liga com o conteúdo das intervenções pedagógicas dos treinadores de futebol da 2ª Liga.

Além disso, poderia também analisar-se as intervenções pedagógicas do conteúdo em todos os treinadores de alguns clubes, desde a formação até aos seniores, tentando perceber se existe alguma relação direta entre a uniformização de conteúdos e o aproveitamento de atletas vindos da formação do clube.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adelino, J. (2000). Treino da técnica nos jogos desportivos. In J. Garganta (ed.), *Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos*, 91-110. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Barreto, H. (1998). Competências do treinador desportivo. In J. Castelo, H. Barreto, F. Alves, P. Santos, J. Carvalho; J. Vieira; *Metodologia do treino desportivo*. FMH Edições. Lisboa.
- Beveridge, S.; Gangsted, S. (1988). Teaching Experience and Training in the Sport Skill Analysis Process. *Journal of Teaching in Physical Education*. 7, 103-114.
- Bravo, S. (2008). Intervenção Pedagógica sobre o Conteúdo do Treinador de Futebol. Estudo Aplicado em Treinadores Licenciados e não Licenciados em Educação Física nos Escalões de Iniciados e Juvenis. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Castelo, J. (1994). *Futebol- Modelo Técnico-Tático do jogo*. Lisboa: Edições FMH-UTL.
- Claxton, D. (1988). A systematic observation of more and less successful high school tennis coaches. *Journal of teaching in Physical Education.*, 7(4), 302-310.
- Cruz, J. (2002). A intervenção Pedagógica do Treinador de Hóquei em Patins- estudo aplicado em treinadores do escalão de infantis. Porto: J, Cruz. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto.
- Cushion, C. J., & Jones, R. L. (1999). A systematic observation of Professional Top-Level Youth Soccer Coaches. *Journal of Sport Behaviour*, 24(4).
- De Marco, G., Mancini, V., & West, D. (1996). Reflections on change: A qualitative and quantitative analysis of a baseball coach's behavior. *Journal of Sport Behaviour*, 20(2), 135-163.
- Farias, C. (2007). A Intervenção Pedagógica do Conteúdo do Treinador de Futebol. Estudo aplicado em Treinadores Licenciados e não Licenciados em Educação Física nos escalões de Escolinhas e Infantis. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Frade, V. (1985). Alta competição no futebol- que exigências do tipo metodológico? ISEP-UP. Porto: Não publicado.

Garganta, J. (1997). Modelação Tática do jogo de Futebol- estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. Porto: J. Garganta. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Garganta, J., & Pinto, J. (1998). O ensino do futebol. In A. E O. Graça, J. (Ed.), *O Ensino dos Jogos Desportivos (3ªed.)* (pp. 95-135). Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Gilbert, W., Trudel, P., & Haughian, L. (1999b). Interactive Decision Making Factors Considered by Coaches of Youth Ice Hockey During Games. *Journal of Teaching in Physical Education*, 18(3), 290-311.

Gilbert, W., Trudel, P., Gaumond, S., & Larocque, L. (1999a). Development and application of an instrument to analyse pedagogical content interventions of ice hockey coaches. *Sosol sociology of sport online*, 2(2).

Gonçalves, C. (1985). *Perfis de Comportamento de Comunicação e Participação em Situações de Ensino e Treino*. Edições ISEF- Universidade Técnica de Lisboa.

Gonçalves, R. (2009). Análise do comportamento de instrução do treinador durante a competição, em escalões de Futebol de 7 e de Futebol de 11. Porto: R, Gonçalves. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Graça, A. (1997). O conhecimento pedagógico do conteúdo no ensino do Basquetebol. Tese de Doutoramento (não publicada). Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Gréhaigne, J-F. (1992). L'organisation du jeu en football.

Guilherme Oliveira, J. (2004). Conhecimento Específico em Futebol. Contributo para a definição de uma matriz dinâmica de ensino-aprendizagem do jogo. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Houlier, G., & Crevoiser, J. (1993). *Entraîneur competence et passion, less details qui front gagner*. Canal + Éditions.

- Jones, D.; Housner, L. & Kornspan, A. S. (1997). Interactive Decision Making and Behaviour of Experienced and Inexperienced Basketball Coaches During Practice. *Journal of Teaching in Physical Education*, 16: 454-468.
- Lacy, A. C., & Darst, P. W. (1985). Systematic observation of behaviors of winning high school head football coaches. *Journal of teaching in Physical Education.*, 4, 256-270.
- Lacy, A. C., & Darst, P.W. (1985). Systematic observation of behaviors of winning high school head football coaches. *Journal of teaching in Physical Education.*, 4, 256-270.
- Landis, J.R., Koch, G.G. (1977). The measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics*. 33, 159–174.
- Lima, A., Jorge, P., & Diaz, R. (1999). O ensino da técnica no treino com jovens. *Treino Desportivo. Especial 2*, 50-55.
- Martens, R. (1987). *Coaches guide to sport psychology*. Human Kinetics Champaign.
- Matos, Z. (1993). Competência pedagógica do professor. In J. Bento, António Marques; Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, p. 467-482. Porto.
- McGown, C. (1994). Motor Learning: how to teach skills. In Science of coaching volleyball. *Human Kinetics Champaign*. Illinois, 1-22.
- Mesquita, A. F. (2009). A Intervenção Pedagógica sobre o conteúdo do treinador de futebol profissional – estudo de caso. Dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Mesquita, I. (1998). A intervenção e a estruturação das tarefas no treino de Voleibol. Estudo experimental no escalão de iniciados femininos. Porto: I, Mesquita. Dissertação de Doutoramento à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.
- Pacheco, R. (2001). O Ensino do Futebol- Futebol de 7, um Jogo de iniciação ao Futebol de 11. Edição do autor.
- Pacheco, R. (2002). Caracterização da Intervenção do Treinador na Reunião de Preparação para a Competição de Futebol. Estudo comparativo de treinadores da 1ª e 2ª divisão B no

escalão de seniores masculinos. Porto: R. Pacheco. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Piéron, M. (1984). *Pedagogie des Activites Physiques et Sportives (Méthodologie et Didactique)*. Liège: Université de Liège. Institut Supérieur d'Education Physique.

Potrac, P., Jones, R., & Cushion, C. (2007). Understanding power and the coach's role in professional English soccer: a preliminary investigation of coach behavior. *Soccer and Society*, 8(1), 33-49.

Queiroz, C. (1983). Para uma Teoria do ensino/treino do futebol. *Futebol em Revista*, 1(4), 47-49.

Queiroz, C. (1986). *Estrutura e organização dos exercícios de treino em futebol*. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol.

Rodrigues, J. (1997). *Os treinadores de sucesso. Estudo da Influência do Objetivo dos Treinos e do Nível de Prática dos Atletas na Atividade Pedagógica do Treinador de Voleibol*. Edições F.M.H. Lisboa.

Rosa, G. (2003). *A Intervenção do Treinador de Voleibol na Reunião de Preparação da Equipa para a Competição: estudo comparativo de treinadores seniores masculinos e femininos da divisão A1 Porto*: G. Rosa. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Rosado, A. & Mesquita, I. (2009). O ensino e o treino da técnica nos jogos desportivos. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 165-184). Lisboa: Edições FMH.

Rupert, T., & Buschner, C. (1989). Teaching and coaching: a comparison of instructional behaviors. *Journal of Teaching in Physical Education.*, 9, 49-57.

Santos, J. (2009). *A Intervenção do Treinador no Futebol de Formação. Estudo de Caso com a Professora Marisa Gomes nos escalões de Escolas e Infantis do FC da Foz* (não publicado). Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Santos, S. (2007). *A Intervenção Pedagógica sobre o Conteúdo do Treinador de Voleibol em função do género dos atletas e do escalão da prática*. Dissertação monográfica. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Savard, C. (1988). Intervention by the Coach (Chapter 6) In P. Baudier, C. Cardinal, J. Nielson, M. Paiement, K. Wasyluk (eds), Coaches Manual Level 3. Canadian volleyball Association.

Seaborn, P., Trudel, P., & Gilbert, W. (1998). Instructional Content Provided to Female Ice Hockey Players During Games. *Applied Research in Coaching and Athletics Annual*, 13, 119-141.

Shulman, L. S. (1986). Those who understand: Knowledge growth in teaching. *Educational researcher*, 15, 4-14.

Siedentop, D. (1991). *Developing teaching skills in physical education* (3rd ed.). Mountain View, CA: Mayfield.

Silverman, S. (1994). Communication and motor skill learning: What learn from research in the gymnasium. *Quest*, 46,345-355.

Silverman, S., Subramanian, P. R., & Woods, A. M. (1998). Tasks structures, students practice, and skill in Physical education. Versão eletrónica. *The Journal of Education Research*, 91(5).

Teodorescu, L. (1984). *Problemas da teoria e metodologia nos jogos desportivos* (José Curado, Trad.). Lisboa: Livros Horizonte.

Tharp, R., & Gallimore, R. (1976). What a coach can teach a teacher. *Psychology Today*, Jan 8, 75-78.

Tinning, R. I. (1982). Teacher reaction to the trial materials: A Victorian case study. *Australian Journal for Health: Physical education & Recreation*, 95, 11-14.

Vickers, J. (1990). *Instructional design for teaching physical education*. Human Kinetics, Champaign, Illinois.

ANEXOS

Anexo 1 – SAPCI: The Systematic Analysis of Pedagogical Content Interventions

(Análise Sistemática das Intervenções Pedagógicas do Conteúdo).

“O QUÊ”					
Técnica Individual		Tática Individual		Tática Coletiva	
Técnica Individual Defensiva	Técnica Individual Ofensiva	Tática Individual Defensiva	Tática Individual Ofensiva	Tática Coletiva Defensiva	Tática Coletiva Ofensiva
Categoria Energético-Funcional					
Categoria Psicológica					
Regras					
Situações Neutras					
Outras					
“QUANDO”					
Em ação			Não está em ação		
“COMO”					
Geral			Específico		
Feedback Descritivo	Feedback Prescritivo	Feedback Questionamento	Feedback Encorajamento	Feedback Informação Avaliativa Positiva	Feedback Informação Avaliativa Negativa
“A QUEM”					
Individual		Subgrupo		Equipa	

